

Saberes, sabores e (in)justiças: escrevivências femininas negras sobre os sentidos que preenchem os sabores

*Knowlwdge, flavors and (in)justice: black female writings about
the senses that fill the flavors*

*Conocimiento, sabores y (in)justicia: escrituras femeninas negras
sobre los sentidos que llenan los sabores*

DOI: <https://doi.org/10.70051/mangt.v3i2.61163>

Lourence Cristine Alves | lourencecristinealves@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-1727-4725>

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

Isis Pereira Coutinho-Degani | isispc24@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1013-3176>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Leticia Maria Lima Silva | leticia.wo.silva@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7030-5844>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Recebimento do artigo: 29-setembro-2023

Aceite: 18-janeiro-2024

ALVES, L. C.; COUTINHO-DEGANI, I. P.; SILVA, L. M. L. Saberes, sabores e (in)justiças: escrevivências femininas negras sobre os sentidos que preenchem os sabores. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 3, n.2, p. 194-206, dez. 2023.

RESUMO

Este ensaio teórico é uma provocação sobre os sentidos que preenchem as palavras e as palavras que nomeiam os sentidos. Se saber é etimologicamente sabor, perguntamos os sentidos desses sabores. Uma vez que as experiências dos sabores se relacionam com as vivências corporificadas, enfatizamos as Escrevivências de mulheres que utilizam a arte/literatura para denúncias de suas cosmopercepções, as quais celebramos como espelho de realidades invisibilizadas na dinâmica brasileira. Inscrevemos a colonialidade como recorte que perdura e acentua as diferenças e ousamos demarcar as reexistências possíveis. Nosso objetivo é visitar formatos engessados e propor novos caminhos para o desenvolvimento de pesquisa no campo da Gastronomia que olhe múltiplos sentidos e poéticos das palavras. Transitamos entre diferentes perspectivas, de Brillat-Savarin a Rubens Alves, propondo caminhos para visitar lógicas eurocêntricas hegemônicas e para construir novas linguagens e olhares que contemplem intelectuais contra hegemônicos e convocando também autoras da literatura. Por fim, atentamos para a fome como uma urgência que pertence ao campo da Gastronomia e fica à sombra nas pesquisas e escritos.

Palavras-chaves: Gastronomia; Escrevivência; Saber-sabor; Feminino; Fome.

ABSTRACT

This theoretical essay is a provocation about the meanings that fill words and the words that name the meanings. If knowledge is etymologically flavor, we ask about the meanings of these flavors. Since the experiences of flavors are related to embodied experiences, we emphasize the Escrevivências of women who use art/literature to denounce their cosmoperceptions, which we celebrate as a mirror of invisible realities in Brazilian dynamics. We inscribe coloniality as a framework that endures and accentuates differences, and we dare to demarcate possible reexistences. Our objective is to revisit rigid formats and propose new paths for the development of research in the field of Gastronomy that looks at multiple meanings and poetics of words. We move between different perspectives, from Brillat-Savarin to Rubens Alves, proposing ways to revisit hegemonic eurocentric logics and to build new languages and perspectives that contemplate intellectuals against hegemony and also calling on female authors of literature. Finally, we pay attention to hunger as an urgency that belongs to the field of Gastronomy and remains in the shadows in research and writings.

Keywords: Gastronomy; Escrevivências; Knowledge-taste; Feminine; Hunger.

RESUMEN

Este ensayo teórico es una provocación sobre los significados que llenan las palabras y las palabras que nombran los significados. Si etimológicamente conocimiento es sabor, nos preguntamos por los significados de estos sabores. Dado que las experiencias de sabores están relacionadas con Escrevivências, destacamos los escritos de mujeres que utilizan el arte/literatura para denunciar sus cosmopercepciones, que celebramos como un espejo de realidades invisibles en la dinámica brasileña. Inscribimos la colonialidad como un marco que perdura y acentúa las diferencias y nos atrevemos a demarcar posibles reexistencias. Nuestro

objetivo es visitar formatos rígidos y proponer nuevos caminos para el desarrollo de investigaciones en el campo de la Gastronomía que analicen los múltiples significados y poéticas de las palabras. Nos movemos entre diferentes perspectivas, desde Brillat-Savarin hasta Rubens Alves, proponiendo formas de visitar lógicas hegemónicas eurocéntricas y de construir nuevos lenguajes y perspectivas que contemplan a intelectuales contra hegemones y convoquen también a autoras de literatura. Finalmente, prestamos atención al hambre como una urgencia que pertenece al campo de la Gastronomía y que permanece en la sombra en investigaciones y escritos.

Palabras claves: Gastronomía; Escrivências; Saber-gusto; Femenino; Hambre.

as palavras injustas que você me disse
 continuam tomando formas
 continuam caminhando
 pelas minhas beiradas
 vira e mexe
 eu te leio
 na minha pele
 (Ryane Leão)

INTRODUÇÃO

As palavras não se limitam ao léxico. Não se limitam a proposições comunicativas fixas que, segundo uma gramática e uma sintaxe categóricas, tomam relações mediadas por regras bem determinadas com as quais se “brinca” de construir o mundo. A construção do mundo (Fairclough, 2016) em significado, em saber, em preenchimento de palavras com sentidos que ajudam a fortalecer ou desmantelar relações desiguais de poder, não parte de limitação alguma. Parte de possibilidades. É pela compreensão da linguagem como possibilidade e das palavras como algo nada inofensivo que construímos este ensaio com o objetivo de levantar questões para o debate acerca da presença das mulheres negras no enunciar dos sabores, presentes e ausentes, capazes de carregar histórias próprias.

Alves (2014), no livro “Pimentas: para provocar um incêndio, não é preciso fogo”, afirma que essas “frutinhas” podem ser assemelhadas às ideias, uma vez que, assim como as primeiras provocam “incêndios na boca”, estas podem provocar “incêndios nos pensamentos”. Ainda segundo o autor, em afirmação que dá nome à obra, “para se provocar um incêndio, não é preciso fogo. Basta uma única brasa” (Alves, 2014, p.9). Trazendo à tona a metáfora de Rubem Alves, buscamos, neste trabalho, caminhar para um tipo de “incêndio nos pensamentos” no qual seja possível questionar os cerceamentos físicos e simbólicos direcionados às mulheres negras no enunciar da sua própria história.

Iniciamos discutindo a relação etimológica e simbólica entre os saberes e os sabores, evidenciando que as histórias atravessam e são atravessadas por ambos, mas que admitem espaços de enunciação distintos em termos de potencial para serem escutados. Em seguida, trazemos à tona narrativas femininas negras nas quais a alimentação é situada em uma complexidade que não se reduz à escassez “nua e crua”. A fim de nomear o que vai além dos sabores ausentes e da escassez como dor e penúria frequentemente contados por quem as

provocou, são relatadas histórias nas quais os saberes femininos negros, como (re)existência, fortalecem o agenciamento de si.

Por fim, retomando a provocação central deste ensaio, buscamos refletir a respeito dos sentidos que preenchem os sabores que carregam história e saberes provenientes dos espaços munidos de uma dupla condição de negação ao protagonismo: o de mulher e o de pessoa negra (Evaristo, 2005). Com o compromisso de evidenciar alguns dos espaços negados por uma realidade marcada pela história de supremacia branca e patriarcal, buscamos, neste trabalho, instigar o reconhecimento de que o caráter nada inofensivo dos processos de significação traduz um tipo de poder que ultrapassa o simbólico. Argumentamos que, pelo reconhecimento identitário e negação da ideia de que o espaço da mulher negra se limita à escassez, o reconhecimento do saber-sabor se dá na possibilidade de expansão de legitimidade às existências movimentadas pelas palavras (Evaristo, 2016).

ENTRE AUSÊNCIAS E SINESTESIAS

Etimologicamente, o termo "sabor" se origina da palavra latina "*sapere*", que significa "saber". A respeito dessa origem, Cordeiro reflete que "o processo de aprendizagem para a vida não desvincula o saber e o sabor, pois o ato de conhecer pressupõe o ato de saborear idéias, função própria do paladar" (Cordeiro, 2016, p.200). A relação entre a ideia de "gosto" e demonstrar algum tipo de habilidade para discernir o que se experimenta, desse modo, não é trivial. Na verdade, a palavra com a qual se nomeia o que é "saboreado", segundo a relação tratada por Cordeiro (2016) está altamente relacionada às experiências que levam ao que pode ser concebido como conhecimento.

Esse "conhecimento", mobilizado e propagado, a partir de palavras com as quais discursivamente se forja o mundo, por sua vez, não parte de qualquer lugar. As palavras, ou melhor, os sabores recheados de saber com os quais os sentidos das experiências são enunciados, estão conectados a uma história em que o protagonismo tem classe, nome e endereço. E esse protagonismo não é negro nem feminino.

Nesse cenário, quando Ryane Leão, que se intitula "mulher preta, poeta e professora cuiabana" no livro "Jamais peço desculpas por me derramar" (Leão, 2019), afirma que as "palavras injustas" podem ser vistas na pele, não se trata de qualquer pele. Não se trata de qualquer injustiça. Não se trata de quaisquer palavras.

Se os discursos são capazes de "produzir aquilo que nomeiam" (Butler, 2003, p. 48), o perigo dos protagonismos atravessados historicamente por ideologias racistas, elitistas e patriarcais se situa na formulação das histórias sobre as experiências humanas de modo limitado a narrativas únicas. É a respeito do perigo dessas narrativas únicas que Chimamanda Ngozi Adichie afirma que "para desapropriar um povo, a forma mais simples de o fazer é contar a sua história, começando por 'Em segundo lugar'" (Adichie, 2009, p. 11). A negação da possibilidade de ser quem enuncia as narrativas que ganham hegemonia, quem nomeia as próprias experiências, é negar a possibilidade última de valorização epistemológica e identitária nas quais os sabores e saberes também contam histórias.

Nesse sentido, admitindo a indissociabilidade, até mesmo etimológica, entre os sabores almejados pelo fazer gastronômico e os conhecimentos conectados a identidades particulares, a falta de protagonismo das mulheres negras nas narrativas propagadas a respeito

das experiências humanas sustenta uma dupla limitação dos sentidos: física e simbólica. Essa limitação se sustenta na indisposição ideológica para ouvir o que os espaços não hegemônicos têm a dizer. É essa indisposição que fortalece, por exemplo, a invisibilidade da expertise negra na produção dos sabores afrobrasileiros na diáspora, uma vez que o protagonismo negro é frequentemente reduzido à ótica do fazer, indissociado das mãos do trabalho escravizado, compulsório ou precarizado, nos espaços de cozinha. Ou ainda, são sabores e saberes presumidos como limitados aos espaços de escassez.

Aqui cabe um importante adendo a respeito do desenvolvimento sistêmico de carestias como parte estruturante e estrutural de uma sociedade racista. A lógica e realidade de carências que são impostas ao povo negro não compõe as cosmopercepções e organizações socioculturais que antecedem os processos de escravização de africanos por europeus. Ao contrário, compõe o constructo basilar da máquina e mentalidade da colonialidade, que como bem sinaliza Grada Kilomba é “uma ferida que nunca foi tratada” (Kilomba, 2020).

Além do mais, a história dos vencidos, quando contada pelos vencedores, se inicia na derrota e frequentemente se reduz a ela. Por isso, os estudos críticos e revisionistas dos discursos hegemônicos se fazem tão urgentes, não apenas na dimensão de dar voz aos “derrotados”, mas de emergir espaços de escuta atenta e acolhedora e de reconhecer saberes e estratégias ancestrais de (re)existência destes sujeitos. É na poética de histórias múltiplas, de existências plurais, de modos contra-coloniais de organização que podemos enxergar para além do hiperfoco da “história única” (Adichie, 2009).

Com isso, a evidenciação das experiências com os sabores que partem dos espaços não hegemônicos - e os saberes carregados por essas vivências - demanda de uma ampliação em termos de espaço enunciativo (Bakhtin, 1997) nos processos de construção do mundo em significado (Fairclough, 2016). Na enunciação dos saberes-sabores, dos sentidos experienciados que emergem daquilo que, apesar de contado, é historicamente ignorado. Porém, insistimos, não é somente de escassez que se faz a experiência feminina negra diante da mistura de sentidos, também física e simbólica, de que se faz um tipo de sinestesia imersa no que existe de cultural e histórico na alimentação. A evidenciação dos *loci* de enunciação femininos negros envolve a ressignificação da memória, a ponto de até mesmo a escassez, quando presente, não se restringir ao trauma, mas abarcar também marcas de cuidado e enfrentamento.

Os caminhos de ressignificação semânticos e sensoriais das memórias precisam ser olhados a partir da perspectiva *sankofa*, “volte e pegue” ou “o futuro é o passado”. Este é um dos provérbios ou *adinkras*, forma como os povos *akan* nomeiam os registros pictográficos dos conhecimentos ancestrais oralmente ensinados à coletividade. O significado deste *adinkra* específico, tem como mensagem destacar a importância da ancestralidade no entendimento de si para a construção sólida do futuro. Destaca ainda em sua simbologia gráfica os sentidos da circularidade como prerrogativa da compreensão da existência para a cosmopercepção destes povos (Nascimento, 2022).

Um destaque importante que também está em consonância com a forma como olhamos para as correlações saber-sabor, é a distinção entre os termos “cosmovisão” e cosmopercepção”. Dialogamos com a intelectual nigeriana, Oyèrónké Oyèwùmí quando esta defende que o pensamento eurocêntrico categoriza e hierarquiza o mundo partindo de uma lógica que privilegia a visão como sentido de compreensão e organização do mundo. Assim, ao olhar para outras sociedades e nomear suas compreensões de existência a partir da normativa

ocidental, tende a ler as perspectivas divergentes como "cosmovisões". Contudo, na leitura da autora, trata-se de sociedades culturais que, diferentemente da matriz de pensamento eurocêntrica, não só não privilegiam a visão, como compreendem o mundo e a própria existência contemplando múltiplos sentidos e interações, por isso o termo correto seria "cosmopercepção" (Oyèwùmì, 2021, p. 37).

Para compreender a maneira como a gastronomia aborda a relação entre conhecimento e paladar, é essencial examinar a origem do campo gastronômico como um domínio de saber. O livro "A Fisiologia do Gosto" (2019) de Brillat-Savarin é considerado um dos primeiros tratados de gastronomia e serve como fundamento para essa análise. O autor conceitua a gastronomia como uma forma de arte, integrada às perspectivas da razão objetiva e metafísica que organizam o conhecimento em três campos: ciência, moralidade e artes. No entanto, essa abordagem objetiva, não reconhece adequadamente as abordagens subjetivas. Pelo contrário, a classificação da gastronomia como uma arte, proposta por Savarin, é baseada em critérios de razão objetiva, comprometendo-se em determinar, organizar e hierarquizar a autenticidade e a beleza, frequentemente adotando uma perspectiva eurocêntrica que estabelece padrões de referência que subjagam as expressões artísticas, saberes, códigos morais e conhecimentos de outras culturas.

Ao contrário da lógica de Brillat-Savarin, Rubem Alves (2011) eleva a culinária a um status de arte aproximando-a do campo da Filosofia, não apenas na sua dimensão objetiva, mas compreendendo camadas de subjetividade que emergem, na medida em que explora suas formas de proporcionar prazer e se conectar com todos os sentidos, uma vez que "na culinária, a beleza se manifesta como sabor: gosto e aroma. E também como cor e forma! A culinária pertence também às artes visuais!" (Alves, 2011, p. 134). Para tanto, o papel do cozinheiro não é apenas satisfazer a fome, mas provocá-la, através do conhecimento e estimulando desejos mais profundos de seus comensais. A essa habilidade de degustar sabores e saberes como "crítica", que envolve a capacidade de discernir as sutilezas do desejo por meio do paladar. A crítica emerge da experiência sensorial de sabores que, de forma sinestésica, geram conhecimento, um saber que transcende as 'razões' do desejo, assim a culinária é como "a arte de transformar sabores sonhados em sabores reais" (Alves, 2011, p.4.) Assim, dialogando com Alves, conseguimos perceber múltiplas dimensões do cozinhar, sem hierarquizações de gostos e técnicas, mas percebendo a grandiosidade das interações subjetivas e poéticas.

Nesse contexto, é possível relacionar as práticas gastronômicas com o que acontece em outras formas de expressão artística, como argumenta Graúna (2013), que enfatiza a necessidade de uma abordagem específica na representação de negros e povos indígenas. De acordo com a autora, "a expressão artística de povos indígenas e africanos sugere uma compreensão das diferenças, já que conhecer o outro implica a interiorização da história, da auto história e de nossas raízes" (Graúna, 2013, p. 47).

Assim o corpo é representado, direta ou indiretamente, física ou simbolicamente, como lembrado por Conceição Evaristo a respeito das "aventuras e desventuras" da mulher negra, aquela que ocupa a dupla condição na qual a sociedade "teima em inferiorizar", o que se enuncia "não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido" (Evaristo, 2005, p. 6). Quando esse corpo vivido, por outro lado, representa uma vida nem sempre definida ou valorizada como tal, a afirmação de si em termos de narrativas sobre os sabores e saberes toma um espaço que ultrapassa a diversidade gastronômica: torna-se um ponto de resistência aos apagamentos que se transfiguram em desumanização.

É nesse ponto que, em busca de evidenciar um tipo de sinestesia dos gostos, experienciados tanto na presença como na ausência de contato com itens alimentícios básicos, iniciamos na próxima seção a apresentação de narrativas femininas negras que recrutam uma mistura de saberes e sabores particulares. Trata-se de uma mistura simbólica de sentidos, sustentada em histórias ricas em vida também simbólica, porém, pouco conhecidas uma vez atravessadas pela frequente indisponibilidade para escutar o que parte dos locais subalternizados.

AS ESCRIVÊNCIAS GASTRONÔMICAS DE MULHERES (NEGRAS)

As histórias e narrativas sobre o saber e o sabor nessa terra afro-pindorâmica, partem de concepções que invisibilizam os processos, conhecimentos e as interações entre os corpos "subalternizados" ora negando seu saber, ora negando seu "sabor". Spivak (2010) alerta sobre como "a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos do Ocidente" (Spivak, 2010, p.20) ao retirar os protagonismos ou simplesmente invisibilizar certos corpos nas narrativas sobre comida ou a escassez dela. Ao que Conceição Evaristo vocaliza em seus textos através de memórias de vivências de mulheres negras com sua corporalidade e voz como denúncia e celebração de suas (re)existências e potências. Assim, declara que "a nossa escriturabilidade não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los dos seus sonos injustos" (Duarte e Nunes, 2020, p.12).

Ao falar de si, também se fala de diversas experiências semelhantes que atravessam experiências e corpos invisibilizados pelas narrativas coloniais, especialmente por não deter o conhecimento da palavra escrita, mas que ao se apropriar desse símbolo gráfico, pode depositar sua oralidade, emudecida pelos papéis, escritas por outrem. Ao sermos apresentados com o saber do seu pequeno mundo, pode-se experienciá-lo com nossos sentidos e sentir o gosto amargo da condição de ser desvalido, e não raramente se olhar em um mesmo espelho.

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses das de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas.

(...)

Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía (Evaristo, 2016, p.16-17).

Como negligenciar as nuances do saber e do sabor do desespero, que compartilham mulheres pretas nas literaturas que denunciam o problema endêmico do Brasil, como identificou Josué de Castro - a fome. O que é pensar a escassez de uma catadora de lixo que depende do tempo, do acaso e de forças para catar recicláveis para alimentar-se? Carolina Maria de Jesus, a seu modo, relata sua agonia para alimentar seus filhos enquanto nos coloca para ouvir seu lamento descritos em seu diário

...Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus

filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles são exigentes no paladar (Jesus, 2014, p.27).

...Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual - a fome" (Jesus, 2014, p.28).

...Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: "Quem escreve isto é louco" (Jesus, 2014, p.34).

Quando tudo parece faltar, a arte e suas expressões são os caminhos que resgatam as vivências sofridas em uma experiência palatável, possível de ser lida e reconhecida, especialmente no corpo. A fome não é uma ideia, mas uma condição estrutural e estruturante de uma sociedade que gera os pressupostos de sua endemia da fome. A obra de Josué de Castro se debruçou extensamente sobre esta temática, em seu livro *Geografia da Fome* (2022), encontramos o mapa apresentado abaixo, onde o autor expõe a sistematização de sua análise acerca dos diagnósticos da problemática da fome no Brasil (Figura 1). Nesta investigação, Castro mapeia a fome no Brasil a partir de cinco áreas geográficas/alimentares, conforme ilustrado abaixo, onde subdivide o tema em três níveis de fome endêmica, ou seja, localidades nas quais o problema se configura como parte constituinte do território; fome epidêmica, quando a fome ocorre vinculada a algum episódio específico, como no caso da área geográfica 3, que sofre com intempéries climáticas; e por fim as áreas de subnutrição, que enfrentam, também de forma estrutural e estruturante, tal qual as áreas endêmicas, o problema da fome, no nível de subnutrição.

Figura 1. Problematização da fome no Brasil



Fonte: Livro *Geografia da Fome* (Castro, 2022).

A partir disso dois pontos importantes podem ser destacados. O primeiro é a constatação da problemática da fome como um flagelo de longa duração, que atravessa o país de forma estrutural e estruturante. O segundo é que a compreensão disso precisa ir além do reconhecimento de uma problemática, mas da identificação e assunção de todas as questões transversais e rizomáticas que sustentam a permanência desse problema. Nesse sentido, o próprio Josué de Castro, desde a década de 1930 já apontava para a necessidade de algumas ações e caminhos, contemporaneamente aclamados, antes da conceituação dos mesmos. A interseccionalidade e a interdisciplinaridade. Para Castro, a especialização dos campos de saber, cria ilhas de afastamento que dificultam a compreensão holística de problemas profundos do país (da Silva, 2020). Ao mobilizar diferentes campos de saber para construir sua análise sobre a problemática da Fome, Castro elabora um diálogo interdisciplinar que possibilita um diagnóstico amplo e aprofundado do problema (Castro, 2022).

A preocupação com a transversalidade entre raça e classe, no tocante à fome no país, pode ser evidenciada ao longo da obra de Castro, também é uma tônica que aparece em publicações específicas como o livro Alimentação e raça de 1936. Com isso, o autor já apontava a impossibilidade de deslocamento destas duas categorias, e a urgência de se pensar a partir de discussões racializadas, antes mesmo do desenho de interseccionalidade como um conceito-método (Castro, 1936; Colins, 2021). Por isso destacamos que os caminhos escolhidos por esse ensaio para pensar a fome e as estratégias de subversão de uma carestia estruturalmente imposta, a partir das narrativas de escrivência de mulheres negras, é um caminho pavimentado sob bases de diálogos com teóricos que emergem narrativas contra hegemônicas.

Apesar de sempre ser pautada por campanhas políticas de combate à fome, efetivamente nos anos entre 2004 e 2013, o Brasil conseguiu reduzir seu percentual de pessoas em insegurança alimentar e foi retirado do mapa da fome da ONU. Porém, os governos que se sucederam desmontando políticas públicas e a progressiva crise econômica acentuada pelo agravamento dos anos de isolamento pela COVID-19 ampliaram e aprofundaram o quadro de fome. Manchetes denunciando a pauperização da população se expressam em matérias como a da repórter Paula Paiva Paulo para o G1 (2021), onde pessoas buscavam ossos de carne descartados pelo mercado em caçambas de lixo. Segundo o funcionário do mercado, antes os moradores recorriam a essa estratégia, mas que pessoas que possuíam casas, estavam em dificuldades e se amontoavam ali para não morrerem de fome. Uma realidade que Carolina Maria de Jesus denunciava nos anos 1950, sendo revisitada nos anos 2020.

No II Inquérito de Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil de 2022 mostra que a fome tem lugar, onde a região Norte (54,6%) e Nordeste (43,6%) se perpetuam como lugares mais afetados - a fome tem cor, uma vez que lares chefiados por pessoas pretas ou pardas representam 70% dessa amostra - a fome tem gênero, já que 6 a cada 10 lares comandados por mulheres convivem com insegurança alimentar, isso ocorre entre outros fatores, pela desigualdade salarial. O mais contundente é perceber que a fome atinge inclusive quem planta e sobrevive dela, com mais de 60% dos domicílios rurais afetados por desmonte de políticas de apoio a essas populações (PENSSAN, 2022). O gosto amargo de nossa realidade brasileira no qual injustas políticas públicas, promovem injustiças aos mesmos (in)justiçados. É uma injustiça que se dá no campo das palavras e não se exime de reflexos sobre o corpo, sobre a pele, sobre o indissociável real-simbólico.

O ativista indígena Ailton Krenak, em seu livro Futuro Ancestral, com pesar afirma que "os humanos estão aceitando a humilhante condição de consumir Terra. Os orixás, assim como

os ancestrais indígenas e de outras tradições, instituíram mundos onde a gente pudesse experimentar a vida, cantar e dançar, mas parece que a vontade do capital é empobrecer a existência” (Krenak, 2022, p.38). Os sentidos do viver e reexistir para alguns corpos parecem estar renegados a esse campo da escassez e da sobrevivência alijada de uma corporeidade vívida e cheia de significados e agenciamento de si.

Krenak (2020) também afirma, em seus escritos a respeito do que tanto se admite nos apelos globais pelo pós-antropoceno, que encarar o fim do mundo para os povos originários não é uma tarefa nova. É uma tarefa que já vem sendo enfrentada desde a invasão colonizadora de existências, e que esse enfrentamento se dá fundamentalmente pela ampliação da própria subjetividade. É a ampliação da própria subjetividade, na perspectiva de um sabor-saber, fundamentado no reconhecimento do outro como legítimo em sua singularidade, que a existência (outra) também pode ser mobilizada pela palavra (Evaristo, 2016).

Quando observamos as relações que os povos tradicionais estabelecem com o território percebemos uma interação mais horizontalizada, o que Antônio Nego Bispo chama de bio interação, na qual o respeito e a busca por harmonia são as tônicas de coexistência. O pensamento ocidental eurocêntrico, parte da premissa judaico-cristã de que Deus (sagrado) cria o mundo (natureza) e cria o homem a sua imagem e semelhança, dando a este o direito divino de intervenção sobre esse mundo (Bispo, 2015). Esse pensamento sustenta todo o projeto colonial e estrutura a mentalidade de hierarquia e subjugação da natureza pelo homem, sob o argumento do progresso e civilidade. Em oposição a essa materialidade os povos que existem enquanto coletividades contra-coloniais, leem a natureza como o próprio sagrado e, nesse sentido, uma existência harmônica a partir desta cosmopercepção só é possível em confluência com o meio. Por isso, o deslocamento e entendimentos acerca da relação saber-sabor, que dialoguem com essas perspectivas, ampliam o olhar contemporâneo para esta pauta (Bispo, 2015).

O pensamento europeu ocidental racializou o mundo e produz hierarquizações de sujeitos sistematicamente outrificados. Assim, coloca saberes-sabores tradicionais no lugar de alegorias, mitificações, superstições e folclores, não reconhecendo suas potências e as perspectivas plurais de outras cosmopercepções. Com isso, as estratégias de si e tecnologias de resistência e (re)existência são sistematicamente apagadas. A proposta de olhar para estes saberes-sabores ancestrais na chave da abundância, não é um caminho de romantização das subalternidades, mas de transição de chave no olhar para outras sabedorias e estratégias. É entender que a escassez da fome, que atravessam as narrativas de escrevivência, brevemente apontadas neste texto, fazem parte de um escopo de carestia forjada pelas estruturas da colonialidade e que impõe a estes sujeitos essa condição. Por isso o exercício de *sankofa*, anteriormente citado, é tão importante, porque possibilita um caminho de leitura ressignificado para estes saberes-sabores (Machado, 2022).

As mulheres negras alimentam o Brasil do seio à mesa desde que chegaram às Américas, compulsoriamente, por meio dos processos de escravização de africanas e africanos pelos europeus. Todavia, o reconhecimento dos diversos saberes-sabores, alimentos providenciados por estas, seguem sendo olhados de forma restrita apenas na perspectiva de corpo, braço, mão, seio, que alimentam. Os tabuleiros e redes de comercialização e abastecimento alimentar, que operam nas ruas do Brasil desde o período colonial, são os primeiros *locus* onde podemos perceber a emergência destes saberes-sabores. Disto derivaram as organizações de aquilombamentos, como as irmandades religiosas, as casas de axé, as casas de zungus, os quintais do samba, que possibilitaram os caminhos de retomada da humanidade,

autonomia e dignidade retiradas pelos mecanismos da escravização de africanas, que sustentou a colonialidade (Alves, 2022; Primo, 2010). Olhar para estes territórios e organizações, é entender estes saberes-sabores, para além do corpo reificado, compreendendo as potências coletivas e nuances que possibilitaram as construções de redes de afroempreendedorismo, pautadas em laços de solidariedade e perspectivas de mercar centradas na troca e não no lucro (Nascimento, 2016).

As narrativas de escrivência são possibilidades de reconstrução destas narrativas, na chave do protagonismo e lugar de fala dos próprios agentes da história. Se ao longo de todos esses anos, o privilégio da primeira pessoa lhes foi negado, o tempo hoje é de fazer da escrita “um ato político”, um palco de escuta dessas maiorias silenciadas. Diante de uma História que opera como “uma máquina de produzir esquecimento” a iluminação de fontes e discursos que partam do lugar de fala dos vencidos, é um percurso possível de revisão crítica das narrativas hegemônicas (Evaristo, 2020; Kilomba, 2020; Rufino, 2019, p. 75; Ribeiro, 2019). Para isso a proposta teórico metodológica da historiadora Saidiya Hartman (2020) de “fabulação crítica” como ferramenta de investigação, se apresenta como uma estratégia fértil, dentre muitas outras que podem ser exploradas e examinadas para ampliar a produção escrita e de pesquisa no campo da Gastronomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com quais sentidos se preenchem os sabores das histórias cujo espaço de enunciação foge dos privilegiados locais de hegemonia? Considerando os processos de mobilização de existências pelas palavras e os entrelaçamentos entre saber e sabor pontuados neste ensaio, os sabores são preenchidos por sentidos imersos em lembrança e vida. Trata-se de nomear e dar sentido também às ausências, mas não somente a elas. A palavra que movimenta existências, como bem nos lembra Conceição Evaristo (2016), pode ser associada desde às estratégias de uso do lúdico para enganar ou “sublimar” a fome até a expressão das próprias experiências como um processo de lexicalização historicamente não atendido pelas histórias de hegemonia.

Desse modo, trata-se de uma lembrança que, na singularidade de cada vivência e modo de significar o que transpassa a existência, se eterniza nas palavras-experiência cuja capacidade gerativa vai de encontro às histórias contadas pela “casa grande”. Esse preenchimento é, por isso, para as mulheres pretas, um enunciar de si, um nomear a si, em contraponto ao domínio simbólico de ter a própria história contada por outrem.

Quando, junto a Cordeiro (2016, p. 2000), assumimos que “o ato de conhecer pressupõe o ato de saborear”, não somente o saber e o sabor tornam-se indissociáveis, como também o conhecimento mobilizado pelos sentidos e os espaços de enunciação capazes de forjar novos mundos. Nesse processo, lembrar também é fazer viver as estratégias e sentidos de existência ancestrais, numa perspectiva a partir da qual “voltar e pagar” também significa voltar, reviver e reinventar.

É nesse sentido, nesse preencher de sentidos, que a lembrança se une à importância de evidenciar também os espaços enunciativos presentes daquelas que ocupam a dupla posição que socialmente se “teima em inferiorizar” (Evaristo, 2005, p. 6). Essa importância se intensifica ainda em busca por existências movimentadas por palavras que imprimam sobre a pele outras cosmopercepções. A ausência de protagonismo historicamente impressa em injustiças sentidas na pele de mulheres pretas consegue ser capaz de gritar alto, até se fazer presença.

Até que, como ideia em brasa, como ideia pimenta, impulsione e mobilize a evidenciação de modos outros, contra hegemônicos, de existir, saber e saborear.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALVES, L. C. Prefácio. In: MACHADO, T. de S. **Um pé na cozinha: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil**. São Paulo: Fósforo, 2022.
- ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. [s.l.]: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- BAKHTIN. **Dialogismo e construção de sentido**. BRAIT (org). Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1997.
- BISPO, A. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.
- BRILLAT-SAVARIN, J. **A fisiologia do gosto**. Companhia das letras, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- CORDEIRO, J. D. R. **Cozinhar e Comunicar: uma abordagem ecobiocultural sobre sistemas de alimentação e comunicação**. Rio de Janeiro - UFRJ/Tese de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2016.
- DA SILVA, R. O. et al. Josué de Castro e a colonialidade do poder, do ser e do saber: Uma contribuição para a opção decolonial em Estudos Organizacionais. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 15, n. 1, p. 41-60, 2020.
- CASTRO, J. de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Todavia, 2022. _____. Alimentação e raça. 1936.
- DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs). **Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. - 1ª edição - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, v. 1, p. 26-46, 2020.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. - 1ª edição - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, N. M. de; SCHNEIDER, L. (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016
- GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. [s.l.: s.n.], 2013.

- HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.
- JESUS, C. M. de. **1914 - 1977 Quarto de despejo: diário de uma favelada** - 10ª edição - São Paulo: Ática, 2014.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.
- KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEÃO, R. **Jamais peço desculpas por me derramar**. - 1ª edição - São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- MACHADO, T. de S. **Um pé na cozinha: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil**. São Paulo: Fósforo, 2022.
- NASCIMENTO, E. L.; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra–Sabedoria em símbolos africanos**. Editora Cobogó, 2022.
- NASCIMENTO, W. F. do. **Olojá: entre encontros-Exu, o senhor do mercado**. Revista das Questões, n. 4, 2016.
- OYĚWŪMÍ, O. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.
- PAULO, P. P. **Pessoas buscam ossos de carne na caçamba de descarte do Mercado, Centro de SP**. Globo:G1, São Paulo, 08/10/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/08/pessoas-buscam-ossos-de-carne-na-cacamba-de-descarte-do-mercadao-centro-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 28 Sep. 2023.
- PRIMO, B. D. **Aspectos culturais e ascensão econômica de mulheres forras em São João del Rey: séculos XVIII e XIX**. Tese defendida pelo Programa de Pós graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.
- REDE PENSSAN, **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN: relatório final/ Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar - PENSSAN. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <<https://olheparaafome.com.br/>>. Acesso em: 28 Sep. 2023.
- RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.
- SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.